

04

Arturo Casas, *Procesos da historiografía literaria galega. Para un debate crítico*, Veneza, Edizioni Ca' Foscari, Biblioteca di Rassegna Iberistica 23, 2021, 370 páginas.

Isaac Lourido
Universidade da Coruña

Orcid 0000-0001-9119-2420. isaac.lourido@udc.gal. Universidade da Coruña. España.

Durante a sua trajetória, Arturo Casas transitou um número relativamente extenso de âmbitos de investigação, como os estudos sobre o exílio de 1936; a teoria e a crítica de poesia contemporânea; o pensamento meta-teórico e meta-disciplinar referido à Teoria da literatura; as relações entre práticas estéticas e práticas sociais, ou o percurso epistemológico da História literária, desde os seus primórdios ainda no século XVII até as suas derivações atuais, marcadas por um profundo clima de crise disciplinar. A obra que estamos a comentar devota-se para este último âmbito e compila –com revisões e ampliações pontuais– um total de quinze trabalhos publicados no período 2000-2020. Uma parte significativa deles tem o caso galego como objeto de estudo principal, de aí o título da obra, que resume o enquadramento e o sentido gerais dos *processos* observados e dos *debates* propostos. O livro foi publicado na Biblioteca di *Rassegna iberistica* da chancela editorial da Università Ca’Foscari Venezia, uma emergente e interessante coleção que disponibiliza o acesso digital a todas as obras editadas através do seu site.

Casas organiza os materiais referidos em quatro secções. A primeira –“Panorama crítico sobre algúns modelos de historia literaria”– contém três estudos de propensão teórica e metodológica, que reveem a projeção historiográfica de paradigmas de diferente fundamentação heurística: a teoria dos polissistemas de Itamar Even-Zohar e, em menor medida, outros modelos do arco empírico-sistémico; a teoria do campo literário de Pierre Bourdieu; a teoria do processo interliterário de Dionýz Ďurišin; a história cultural comparada desenvolvida por Mario J. Valdés e Linda Hutcheon, e o plural conjunto de estudos sobre a subalternidade e a pós-colonialidade, com especial atenção ao programa de Walter D. Mignolo.

A segunda secção compreende cinco trabalhos que tratam de maneira relacionada aspetos fulcrais para a historiografia literária: a periodização, as gerações literárias e a canonização. Embora todos os textos assentem numa robusta fundamentação teórica, marca comumente reconhecida do autor, o estudo “A cuestión xeracional e o canon no marco dunha nova periodoloxía comparada” (pp. 155-162) explora num nível mais abstrato propostas e aplicações da sociologia da cultura de Karl Mannheim (referente habitual para Casas no relativo à compreensão das dinâmicas geracionais), da semiótica da cultura de Iuri Lotman, para o referido ao cânone e à auto-organização das literaturas, e do já referido Mignolo, para compreender a teoria lotmaniana a partir de uma epistemologia alternativa à propriamente moderna (e colonial).

De certa maneira, estes referentes, junto com os avaliados na primeira secção, constituem o tronco fundamental que Casas irá aplicar nos outros quatro textos da segunda parte. Dois deles têm como objeto de estudo a poesia galega do primeiro terço do século XX. O primeiro da secção está dedicado à crítica literária na revista *Nós* e às suas funções na prefiguração de um cânone da poesia galega da altura. O segundo complementa a sociologia geracional de Mannheim com a poética histórica de Mikhail Bakhtim e postula uma reordenação dos produtores, das gerações e das tendências repertoriais da poesia no período 1916-1931.

Os últimos dois trabalhos da segunda secção focam assuntos relativamente divergentes. Por um lado, Casas analisa *De Pondal a Novoneyra* (1984), de X. L. Méndez Ferrín, e identifica as relações estabelecidas entre ordenação periodológica, organização geracional e construção do discurso poético do próprio escritor. O ponto de partida sintetiza bem o horizonte de debate crítico que perpassa toda a obra, ao ressaltar “o aparente paradoxo de [*De Pondal a Novoneyra*] conformar unha proposta tan influente e asumida como pouco debatida e estudada nos seus fundamentos e condicionantes” (p. 163). Por outro lado, reconstrói a trajetória intelectual de Luís Seoane a partir dos conceitos de *compromisso* e de *intervenção*, num estudo em que as teorias de Bourdieu servem para reconstruir as tensões do campo cultural galego das décadas centrais do século XX, e

em que, por sua vez, o quadro polissistémico ilumina a análise das relações conflituosas entre intelectuais e repertórios, entendidos estes últimos como “conjunto de regras, técnicas e capacidades que habilitan unha forma concreta de entender o mundo e de actuar ou intervir nel” (p. 188).

Na terceira secção, que leva o sucinto título de “Análises”, Casas estuda diversas aplicações historiográficas dos âmbitos galego e ibérico. Em primeiro lugar, examina um dos pontos cegos da história cultural galega –por ser pouco conhecido e, por assim dizer, *pouco valorizado*–: o programa de Víctor Said Armesto sobre o período medieval, reconstruído a partir do questionário apresentado em 1914 na Universidade Central (de Madrid) para aceder à cátedra de Literatura galaico-portuguesa. Para tanto, além de apresentar e rever o programa referido, recompõe a lógica do campo e da tradição historiográfica com as quais Said Armesto interatua, fixa a deficiência das receções e dos diálogos suscitados pelo autor no campo nacionalista e integra o projeto nas coordenadas comparatistas que definiram a sua posição epistemológica.

No seguinte capítulo, Casas estuda pormenorizadamente o prolífico e heterogéneo trabalho historiográfico de Ricardo Carvalho Calero, que não reduz à *Historia da literatura galega contemporánea (1808-1936)* (1963-1981). Reconstrói as condições institucionais, heurísticas, metodológicas e procedimentais que guiaram a sua produção nesta área e dedica uma secção específica à análise crítica dos princípios que organizam a obra agora referida, tarefa muito sobressalente por ser um dos escassíssimos trabalhos que abordaram este objeto de estudo. Ao fim e ao cabo, também neste caso se poderia dizer que a *Historia* de Carvalho –para a qual Casas conclui que, mais do que propriamente um método, foram aplicados um conjunto de “procedimentos” muito condicionados pela inclinação crítica (e eventualmente canonizadora)– constitui outro desses referentes consensualmente admitidos e reproduzidos na historiografia galega, mas só pontualmente submetidos a análise pormenorizada e a juízo crítico, em parte por motivos que Casas explicita noutras partes do livro e aos quais voltaremos um pouco mais à frente.

Fecha a terceira parte um trabalho de específica vocação comparatista, em que é desenvolvida uma revisão de elementos paratextuais –nomeadamente, prólogos– que acompanharam a publicação de obras historiográficas das literaturas ibéricas no último quarto do século XX. O objetivo é identificar e estudar as funcionalidades planificadoras e performativas que desenvolveu esta tipologia de textos a respeito das várias identidades nacionais do espaço peninsular. Trata-se de uma documentada e detalhada análise para a qual apenas notamos a falta de umas conclusões finais que sistematizem o apresentado ao longo do texto.

Já na quarta secção –“Tres modelos outros”– o catedrático da Universidade de Santiago de Compostela leva a termo de uma maneira especialmente visível o que em vários momentos declara como objetivo principal da obra: incentivar o debate teórico-crítico sobre a historiografia literária galega para a renovação disciplinar. Para tanto, dialoga com a produção investigadora de Antón Figueroa, de Xoán González-Millán e de Helena Miguélez-Carballeira. No caso de Figueroa, reedita as recensões críticas de duas obras referenciais: *Nación, literatura e identidade* (2001) e *Ideoloxía e autonomía no campo literario galego* (2010). Acompanhando o percurso teórico deste autor, que tem evoluído das teorias do texto e da receção para uma assunção integral da teoria do campo literário, Casas sintetiza e problematiza os principais desafios enfrentados em ambas as obras. Por exemplo, a adaptação de quadros teóricos para a análise do dinamismo histórico da literatura galega, as tensões entre campo literário e campo de produção ideológica ou a relevância nos processos históricos das relações interliterárias, marcadas, por norma, pela assimetria.

O debate com Miguélez-Carballeira é articulado a partir do comentário crítico de *Galicja, a Sentimental Nation: Gender, Culture and Politics* (2013), publicado um ano depois em versão galega pela Através Editora. Casas saúda positivamente a aplicação das metodologias feministas e pós-coloniais para a revisão de uma parte significativa da hegemonia cultural galega, expressada através de práticas historiográfico-literárias (caso, entre outros, de Carvalho Calero), ensaísticas ou propriamente estéticas, todas elas mediatizadas em grande medida, como sabemos, por uma situação de dominação político-cultural. Embora a radiografia que enlaça desenvolvimento historiográfico, hegemonia cultural e patriarcado seja globalmente aceite, Casas complementa a análise com algumas sugestões críticas, relativas, por exemplo, ao carácter não exclusivamente galego de vários dos fenómenos observados, à existência de precedentes para determinadas análises ou à desatenção a alguns referentes que contrariam uma narrativa pontualmente demasiado uniforme.

No que diz respeito a González-Millán, o contributo reeditado por Casas é uma espécie de roteiro para ler a obra do falecido investigador salnesão, autor especialmente predileto no percurso investigador de Casas –a ele corresponde, de facto, a edição da *Páxina González-Millán*, acessível na internet–, nomeadamente pelo sofisticado esforço de adaptação dos debates internacionais da teoria crítica à cultura galega contemporânea, com múltiplos focos e perspectivas de que ainda hoje uma parte significativa do corpo investigador galego é devedora. Trata âmbitos como as relações entre formações culturais e identidades nacionais tanto na modernidade como no quadro da globalização capitalista, as desigualdades institucionais e simbólicas entre conjuntos literários ou a interação entre as dinâmicas relativamente autónomas dos campos literários e os processos de conflito na esfera sociocultural. Todos são vertebrais para o sentido geral outorgado ao volume, por mais que em González-Millán não exista uma dedicação extensa às questões propriamente historiográfico-literárias.

Uma visão de conjunto dos trabalhos recolhidos no livro permite delinear quatro linhas de força nas investigações desenvolvidas por Arturo Casas: 1) a atenção continuada aos debates internacionais da Teoria literária, que se traduz numa poética histórica bem delimitada em que o pendor filológico tem um peso muito mais reduzido que o sistémico-sociológico, e em que a tradição hermenêutica iniciada por Hans-Georg Gadamer tem a sua função específica; 2) a aplicação ao caso galego dos quadros teóricos assimilados, para o qual se apoia tanto numa projeção matizada dos estudos pós-coloniais e da subalternidade, quanto numa observação crítica do realizado em contextos eventualmente análogos, como o quebequense, o belga, o canadense ou os das nações ibéricas sem estado; 3) uma propensão comparatista materializada bem na comparação entre histórias ou culturas literárias, bem nas aberturas experimentadas pela disciplina desde finais do XX (compreensão da literatura como conjunto de processos históricos e institucionais, questionamento da razão filológico-nacional e da naturalização do cânone, atualização da teoria crítica europeia para a articulação de um saber radicalmente oposto às formas de dominação política e sociocultural); 4) a adoção duma posição epistemológica e ético-política crítica, mas aberta ao debate, que dista muito de se restringir ao âmbito propriamente académico e que acaba por transitar para o plano mais abrangente da investigação social.

A introdução preparada pelo autor, que optamos por comentar conjuntamente com a *coda* final, introduz e ilumina vários dos pontos agora referidos. Estabelece que o horizonte de inovação promovido tem como objetivo principal desarticular as inércias várias que condicionam a historiografia literária galega contemporânea. Inércias que assentam na réplica de epistemologias e discursos desatualizados, mas também na falta de interesse renovador por parte de agentes e de instituições do campo académico galego. Ainda que no livro falte uma reflexão detalhada sobre as condições institucionais (sobre universidades, departamentos e áreas de investigação, projetos e fontes de financiamento, precariedade estrutural do ensino superior etc.) para

o desenvolvemento das prácticas historiográfico-literárias, Casas explica que os agentes envolvidos tendem a centrar o seu traballo na proxección dos sistemas de valores propios (nomeadamente, através de función canonizadora) e em exercicios prioritariamente orientados para a divulgación e para o ensino (muitas veces em nome duma pretensão *normalizadora*), ao tempo que evitam resolver com critérios actualizados cuestións fulcrais como as relacionadas com os desajustes e com os conflitos derivados da coexistência de sistemas literários num mesmo espaço social.

Mas tanto a introdución como a coda constituem interessantísimos exercicios de reflexividade sobre a propia trajetória investigadora, muito pouco habituais, infelizmente, na nosa cultura académica. No texto liminar, Casas remonta-se aos traballos da tese de doutoramento sobre o pensamento teórico de Rafael Dieste, ao enquadramento no grupo de investigación de Teoría da literatura e Literatura comparada da USC –no ámbito do qual participou na fase inicial, de exploración teórica e metodológica, do projeto duma historia comparada das literaturas da península Ibérica– ou, entre outros, à coordenação do Núcleo de Estudos para a Innovación da Historia Literaria Galega, em cujo contexto foram produzidas teses de doutoramento e outros traballos académicos directamente ligados aos intereses desta obra.

A conclusión final dá continuidade ao mesmo carácter reflexivo, só que agora direccionado para uma espécie de avaliação global tanto dos procesos analisados como dos debates promovidos nos capítulos precedentes. A denúncia das mesmas inércias é completada agora com uma crítica mais extensa da interseção entre saber e ideologia, assunto fulcral para a concretización das prácticas historiográfico-literárias (na medida em que afeta a selección crítica e a función canonizadora, a organización discursiva ou a disposición narrativo-causal), e que no caso galego, como em tantos outros, se torna especialmente visível nos modelos reproduzidos polos nacionalismos em conflito.

A coda não está orientada, portanto, para uma planificación historiográfica para o futuro, talvez pelo condicionamento que sobre um projeto desse tipo exerce a seguinte constatación: ali onde os estudos galegos estão a mostrar maior capacidade inovadora –nomeadamente em universidades de fora da Galiza– o interesse específico pela historiografía tem sido notavelmente restrito. Em todo o caso, o horizonte que guia o livro é claro, apelativo e, em termos intelectuais e políticos, incontornável: As prácticas historiográfico-literárias não consistem, nem devem consistir, apenas na continuación e na reprodução de uma tradição académica dada. Pelos elementos e pelos factores envolvidos nas ordens política e social, mas também pelas potenciais relações interdisciplinares, a investigación histórica pode ser *outra cousa*, e pode contribuir para *outra* configuración do saber e para uma planificación sociocultural também alternativa.